

Rede de Psicanálise Aplicada

“O sintoma e o Inconsciente hoje”

Que lugar para o sintoma na prática clínica que levamos hoje nas instituições?

Como fazemos existir o inconsciente?

E a transferência?

Gustavo Moreno - CIPAU (Mendoza – Argentina)

A instituição pública onde sustentamos a prática junto a outros praticantes se inscreve no marco dos dispositivos de saúde pública para a abordagem na saúde mental da urgência em adolescentes.

A interdisciplina, a conversação com outros discursos, como o médico e o jurídico, principalmente, são parte do marco no qual tentamos abrir uma brecha para a possibilidade de intervir desde a psicanálise.

O que chega como urgência a um provedor público de saúde mental lutamos para que seja enquadrado e escutado desde as chaves de leitura que se abrem a partir das conceitualizações da urgência subjetiva¹ que muitos colegas da orientação vem trabalhando. O conceito psicanalítico de trauma enlaçado ao de urgência, seja significada como ruptura da cadeia significante² ou como entrada em desuso dos arranjos sintomáticos, seja por expiração frente às contingências ou como enrijecimento³ da sua utilização, se tornam fundamentais.

A pergunta: O que do arranjo sintomático fracassou para a entrada na urgência?, torna-se então um organizador chave como elemento de leitura. Dado que o marco de nossa intervenção culmina com a possibilidade, um a um, de subjetivação do que emergiu como urgência, um esboço de uma nova resposta do sujeito, enquanto embrião discreto de um arranjo sintomático, costuma ser o ponto de fechamento da mesma.

A primeira aposta é fazer existir um sujeito em sua determinação em relação à palavra. Privilegiamos o recorte significativo naquilo que se escuta, como possibilidade de rearmar o enredo que foi ressentido. A resposta e o consentimento do sujeito ao lugar do praticante na instituição varia; também tem seu papel as modalidades do encontro com o praticante, modalidade de apresentação da urgência, distintos espaços e propostas institucionais. Os elementos de referência da clínica estrutural, que em alguns aparecem com clareza cedo, moldam e orientam nossa intervenção e o lugar possível para o praticante.

Alguns associados do inconsciente entendem, no trabalho de organização do marco com que se reconstrói a conjuntura da sua angústia, a relação a significantes privilegiados que se encontram no lugar de comando; isso permite certo reordenamento de sua

¹ Sotelo, Inés. “Clínica de la Urgencia”, J.C.E. Ediciones

² Lacan, J., “Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis”. En: Escritos 1, Siglo XXI, Buenos Aires, 1992, p. 231.

³ Schejman, F. “Crisis del sinthome: encadenamientos y desencadenamientos actuales 1 y 2” YouTube 4/6/2015

história. Em outras ocasiões é possível recortar no que se diz certa localização em relação ao gozo que habita o sujeito e que não resulta estranho à urgência na que entrou⁴. O lugar da instituição na rede de saúde localiza este momento lógico como propício para remarcar a orientação para um trabalho e possibilitar o estabelecimento de transferências em outros espaços institucionais.

Também nas psicoses o reconhecimento do lugar central da dimensão da palavra no padecimento permite a emergência e ordenamento da intervenção. Na iminência da experiência de gozo, cuja iniciativa se localiza a partir do outro, se impõe a possibilidade de invenção de um “não”, um limite, um arranjo, que ao menos distancie essa experiência resulta crucial.

Como já se esboça anteriormente, a manobra da transferência não é simples. Não é sem ela, mas a pensamos num dispositivo como os que se costuma chamar “entre vários”⁵. A hospitalidade da instituição e o significante enigmático que a nomeia “CIPAU”, costuma ser o primeiro ponto de ancoragem transferencial. Logo, o adolescente poderá ou não situar em algum praticante específico o objeto dessa ancoragem.

Somente sob transferência, ou seja, atravessados pela própria transferência com a psicanálise e concernidos pela relação com o inconsciente, tal como se isolou na própria análise, é que podemos orientar aos outros praticantes a possibilidade de certa continuidade do trabalho que se inicia em cada urgência.

Em alguns jovens, a urgência irrompe em várias ocasiões durante sua adolescência, com o qual são diferentes os períodos, com abertura e fechamento, que transitam enlaçados à instituição; a *Teoria dos ciclos*⁶, da que fala Miller em Barcelona, nos orienta na intervenção e adverte sobre um trabalho que a transferência empurra mais além das normativas e automatismos que atravessam a instituição.

⁴ Seldes, R., *La urgencia dicha*, Colección Diva, Bs.As., 2019, pág. 39

⁵ Miller, J.-A., *Práctica entre varios*, *Antenne 110*, 1998,
<https://practicaentrevarios.wordpress.com/tag/antonio-di-ciciaccia/>

⁶ Miller, J.-A., *Efectos terapéuticos rápidos*, Paidós, Campo Freudiano 17, Bs. As., 2005, p.100-110